

“ ‘Canoa Cheia’, Canoa Vazia”

Entrevista Com Rosa Clement

Eliane Cristina Testa

Atualmente é professora de
Literatura Portuguesa do Curso de
Letras, da Universidade Federal do
Tocantins /UFT/campus de
Araguaína.

poetisalia@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

Recebido em: 4/8/2019.

Aceito para publicação em: 4/8/2019.

1. Rosa, conte-nos como você se fez poeta/haicaísta?

Olá a todos. Quando eu era criança, eu adorava recitar quadrinhos nas brincadeiras com os amigos. Cresci e a coragem para escrever meu primeiro poema demorou um pouco. Foi só no *community college* quando eu morava no Havaí, nos anos 90, depois que escrevi um ensaio (o qual foi premiado) para o curso que eu estava fazendo, que decidi enfrentar todas as dificuldades e escrever meus primeiros poemas. Agora, como me tornei haicaísta é uma outra história. Um dia, eu estava lendo o jornal, quando vi uma notícia sobre um concurso de haikai. O artigo me interessou bastante, principalmente porque eu nunca tinha ouvido falar sobre haikai na minha recente trajetória poética. Fui pesquisar mais sobre o assunto e vi que precisava de muito tempo para absorver todo o vasto conteúdo. Não participei do concurso, mas escrevi meus primeiros haicais. Mesmo não tendo certeza se eram haicais ou não, foi assim que me tornei poeta e haicaísta.

2. Rosa, você como autora amazonense, como você vê a produção do haikai no Amazonas? Poderíamos falar de gerações de haicaístas?

Eu diria que atualmente a produção de haikai no Amazonas é praticamente nula. Às vezes, sinto que sou uma das poucas a praticar essa forma na minha cidade. Desde que o Grêmio Sumaúma foi extinto, uma ou outra pessoa interessada ou tentou ainda compartilhar e praticar a arte do haikai. Vale lembrar que o Grêmio Sumaúma foi fundado por um pequeno número de poetas interessados em difundir a prática do haikai entre os amazonenses. Infelizmente, os interessados foram poucos e Grêmio Sumaúma acabou por fechar as portas. Eu fui uma das fundadoras.

No Amazonas, ouve-se tão pouco falar de haikai que poderíamos reunir os escritores de haikai em uma só geração. Podemos citar os poetas Luiz Bacelar, que foi o primeiro a introduzir o haikai no Amazonas, Jorge Tufic, Aníbal Beça, Zemaria Pinto, Roberto Evangelista, e mais alguns outros, todos com livros de haikai publicados. Os três primeiros já faleceram e os demais talvez ainda escrevam haikai esporadicamente.

- 3. Que diálogo você faria entre sua poesia e de outra produção hacaística de mulher amazonense? Em sua opinião, qual é a presença da mulher na produção de haicais, no Amazonas?**

As mulheres que praticam o haikai no Amazonas são poucas. Certa vez, reuni em um estudo as mulheres que escreviam haicais, especialmente no Amazonas. Foram somente três que despontaram, sendo eu, uma delas. Sendo assim, pode ser que o diálogo que eu faria entre nossa poesia, caso houvesse mais escritoras disponíveis, seria falar sobre as paisagens, as estações, os laços culturais e assim por diante.

- 4. Rosa, sabemos que você produz haicais em português e inglês, a que se deve isso? Em sua opinião, o que esse processo de produzir em dois idiomas/línguas suscita de potencialidade para a produção do haikai?**

Eu aprendi a escrever haikai em inglês e desde então internalizei essa aprendizagem. Sempre achei mais interessante escrever haikai em inglês, pois as palavras são geralmente menores e cabem mais algumas sílabas. Também, porque, como a maioria dos haicáistas norte-americanos, eu sigo a escola moderna de haikai em lugar da escola tradicional, muito praticada aqui no Brasil. Outra razão, é que o mercado de publicação de haikai é muito maior em inglês do que em português. Enquanto em português temos, por exemplo, duas revistas que publicam haikai, em

inglês temos 100, o que me anima a submeter mais do meu trabalho. Alguns dos meus haicais publicados:

*deserted beach
seagulls redo
their footprints*

*praia deserta
gaivotas refazem
suas pegadas*

*rolling thunder
The gentle vibration
of unused crystals*

*rola o trovão
a suave vibração
dos cristais sem uso*

*narrow bridge
our shadows fall
onto the rocks*

*ponte estreita
nossas sombras caem
sobre as rochas*

*suburban road
the sound of my high heels
silences the crickets*

*rua suburbana
o som do meu salto alto
cala os grilos*

5. Na sua trajetória de poeta haicaísta e de leitora de haicais, quais os principais poetas/haicaístas permanecem ao primeiro alcance dos seus olhos e do seu coração?

Entre os mestres, tenho preferência por Issa, que criou pungentes e divertidos haicais, embora admire Basho, Buson e Shiki também. Há muitos outros cujo trabalho admiro muito, mas Issa é meu favorito. O modo como Issa se expressa em seus haicais é único e singular. Uma outra haicaísta favorita é Chiyō-ni, uma das importantes mulheres que escreveu haikai no Japão. Chiyō-ni escreveu e viveu uma vida toda de poesia em harmonia com a natureza.

Um haikai de Issa:

*não se preocupem aranhas
eu cuido da casa
casualmente*

Um haikai de Chiyō-ni:

*som de coisas
caindo da árvore —
vento de outono*

6. Você sempre publicou fora do Brasil? Por quê?

Como mencionei antes, tenho publicado haicais nos Estados Unidos devido ao maior número de ofertas no mercado de publicação e também graças às facilidades da Internet que permite acesso instantâneo a essas revistas literárias. Publiquei meu livro “Canoa Cheia” nos Estados Unidos, graças a um amigo que abriu uma gráfica e editora. Então resolvi organizar meu primeiro livro de haicais.

7. Em livro “Canoa Cheia” (2001) você se debruça sobre o universo da cultura e da geografia amazonense. Que ligação possível você faz entre esse livro e suas demais produções?

A maioria dos meus haicais é baseada em observações da natureza, como requer uma das regras do haicai. Sendo do Amazonas, é natural fazer uso de cenários, aspectos culturais e das deslumbrantes paisagens amazonense em meus haicais. Essa é a ligação que eu faço entre “Canoa Cheia” e meus dois outros livros, “Sabor do Amazonas” e “Terra de Cunhatã e Curumim É Assim”, que tenho publicado. Sabor do Amazonas é um livro de receitas amazonenses e Terra de Cunhatã e Curumim É Assim é um livro de poemas infantis sobre animais da Amazônia.

8. Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever em *Blogs*? O que você acha desta plataforma?

Eu possuo um blog, o qual chamo de Vagalua onde eu gostava de postar meus haicais. Acho que é uma ferramenta muito útil para quem quer publicar seus trabalhos e ter como leitores uma audiência específica. O difícil é levar essa audiência até o blog. Não sou fã de redes sociais, portanto, preciso fazer outro tipo

de “marketing” para lograr objetivos. No entanto, vivo procrastinando e o meu blog vive desatualizado.

9. Há algum livro em andamento? Como a senhora vê a linguagem? Que mecanismos poéticos o haikai exige?

No momento, tenho dois projetos de livros de haicais. Um é um e-book de haicais baseados em paisagens observadas pelos indígenas de uma comunidade do Amazonas, o qual chamo de Aru, que significa vento frio. E o outro é uma seleção de meus melhores haicais, que ainda não tem nome e que vai demorar alguns meses.

Eu vejo a linguagem no haikai como elemento essencial para escrever um bom haikai. Ela não deve ser rebuscada, repetitiva, metafórica, filosófica só para citar algumas. Ela deve ser enxuta, livre de excessos, e objetiva.

Os mecanismos que o haikai exige são poucos, na verdade. As palavras precisam formar pelo menos uma imagem, geralmente em dois versos, com um terceiro verso para a justaposição. Tudo gira ao redor dessa imagem, que deve gerar um momento de descoberta, algo novo, percebido pelo haicaísta e transmitido ao leitor.

10. Sobre literatura e a produção de haikai (ou poesia de um modo geral), o que diria aos jovens estudantes dessa geração que estão nas escolas e nas universidades?

Eu diria para eles que amem a natureza, pois a natureza é fonte de bem-estar para nossas vidas. Se ela está bonita, limpa e inspiradora para qualquer um, estaremos bem também. Portanto, evitem jogar lixo nos caminhos, pois além de trazer benefícios para todos, pode haver um escritor de haikai logo atrás de você procurando pela beleza da natureza. Muito obrigada.

Manaus, 19 de Abril 2019.